

1.

Scarlett O'Hara não era bela, mas os homens raramente reparavam nisso quando se deixavam encantar pelo seu charme, como era o caso dos gémeos Tarleton. No seu rosto notava-se sobremaneira a combinação dos traços delicados da sua mãe, uma aristocrata do litoral de ascendência francesa, e das feições mais carregadas do seu pai, um irlandês rubicundo. Contudo, tratava-se de um rosto apelativo, aguçado no queixo e com maxilares proeminentes. Os seus olhos eram verde-pálidos, com um ligeiro tom de avelã, encimados por umas pestanas negras e hirsutas que se arqueavam um pouco nas extremidades. Mais acima, arrebentavam-se umas sobrancelhas negras e espessas, desenhando uma impressiva linha oblíqua ao longo da sua pele de um branco de magnólia, essa mesma pele que as mulheres sulistas tanto prezam e que os chapéus, os véus e as mitenes servem para proteger com o maior zelo dos calores da Geórgia.

Compunha um belo quadro, sentada na companhia de Stuart e Brent Tarleton, à sombra fresca do alpendre de Tara, a fazenda do pai, nessa luminosa tarde de abril de 1861. O seu novo vestido verde de musselina com padrão florido estendia-se nos seus dez metros de tecido pregueado sobre a saia de balão e condizia na perfeição com os sapatinhos rasos de marroquim verdes que o pai lhe tinha trazido recentemente de Atlanta. O vestido realçava-lhe na perfeição a cintura de dezassete polegadas, a mais estreita em três condados, e o espartilho muito justo revelava uns seios bem desenvolvidos para os seus dezasseis anos de idade. Porém, apesar do recato das suas longas saias, da gravidade de porte que lhe dava o cabelo enrolado e preso com esmero atrás da cabeça, e da serenidade das suas pequenas mãos brancas repousadas so-

bre o colo, nada servia para dissimular a sua verdadeira personalidade. Os olhos verdes que se encaixavam naquele seu rosto doce e ponderado denunciavam uma agitação, um propósito e um vigor cheios de vida que contrastavam largamente com o decoro da sua postura. As suas maneiras haviam sido inculcadas através das brandas reprimendas da sua mãe e da disciplina mais rígida da sua ama; já os olhos eram só seus.

Ladeando-a, os gémeos repousavam descontraidamente nas suas cadeiras, mantendo os olhos semicerrados enquanto espreitavam a luz do Sol através dos copos altos e guarnecidos com umas folhas de hortelã-pimenta, não deixando de soltar gargalhadas e de conversar. Mantinham as suas longas pernas cruzadas numa pose desleixada, com botas que lhes chegavam até aos joelhos e uns músculos das coxas bem torneados que resultavam da prática de andar a cavalo. Com dezanove anos de idade, um metro e oitenta e oito de altura, de constituição larga e vigorosa musculatura, rostos tisonados pelo sol e cabelos castanho-arruivados, com satisfação e arrogância nos respetivos olhares, ambos vestidos com casacos azuis idênticos e calças cor de mostarda, estes dois gémeos eram tão parecidos entre si como dois frutos de algodão.

No exterior, os raios de sol do final da tarde incidiam obliquamente sobre o pátio, projetando uma luminosidade cintilante sobre os cornizos, que mais não eram do que aglomerados compactos de flores brancas contra um pano de fundo de folhagem verdejante. Os cavalos dos gémeos estavam amarrados à entrada da propriedade, animais portentosos, ruivos como os cabelos dos respetivos donos; e em redor das pernas dos cavalos altercava a nervosa matilha de cães de caça que acompanhava Stuart e Brent para onde quer que estes fossem. Mantendo-se a alguma distância, como convinha a um aristocrata, um dálmata permanecia deitado, com o focinho pousado sobre as patas, aguardando pacientemente que chegasse a hora de os rapazes regressarem a casa para jantar.

Entre os cães de caça, os cavalos e os gémeos havia uma profunda afinidade que ultrapassava a constante companhia que os unia. Eram criaturas jovens, saudáveis, lustrosas, elegantes e exuberantes, sendo os rapazes tão impetuosos quanto os cavalos que montavam, impetuosos e perigosos, embora fossem ao mesmo tempo pessoas afáveis para todos os que sabiam como lidar com eles.

Embora tivessem sido criados na tranquilidade da vida da fazenda, habituados a todo o tipo de mordomias desde a infância, os rostos dos três jovens que estavam no alpendre não apresentavam sinais de frou-

xidão ou de preguiça. Havia neles o vigor e a vivacidade das pessoas do campo que haviam passado uma vida inteira ao ar livre e que nunca se tinham importunado muito com as coisas aborrecidas que vêm nos livros. A vida no condado de Clayton, no norte da Geórgia, era ainda recente e, segundo os padrões de Augusta, Savannah e Charleston, um pouco rude. As localidades mais circunspectas e antiquadas do Sul encaravam com um certo desprezo os georgianos que residiam mais a norte da região, contudo, nesta parte do norte da Geórgia, não havia vergonha alguma associada à falta de uma série de delicadezas próprias de uma educação mais clássica, desde que as pessoas mostrassem inteligência suficiente para as coisas que importavam. E cultivar algodão de qualidade, cavalgar bem, ter pontaria ao disparar, dançar com ligeireza, fazer companhia às senhoras com modos elegantes e saber beber como um cavalheiro eram as coisas que importavam.

Os gémeos distinguiam-se nestes feitos, e revelavam-se igualmente notáveis na sua notória incapacidade para aprender alguma coisa que pudesse estar contida entre as capas dos livros. A família deles tinha mais dinheiro, mais cavalos e mais escravos do que qualquer outra no condado, mas os rapazes dominavam menos a gramática do que a maioria dos seus vizinhos que viviam na pobreza.

Era precisamente por essa razão que Stuart e Brent se encontravam agora a mandriar no alpendre de Tara, nessa tarde de abril. Tinham acabado de ser expulsos da Universidade da Geórgia, e essa era já a quarta universidade em que isso acontecia no espaço de dois anos; os seus irmãos mais velhos, Tom e Boyd, tinham regressado a casa com eles, dado que se recusavam a continuar numa instituição onde os gémeos não eram bem-vindos. Stuart e Brent viam a sua mais recente expulsão como uma bela piada, e Scarlett, que não abria um livro por livre e espontânea vontade desde que deixara a Academia Feminina de Fayetteville no ano transato, achava a situação tão divertida quanto eles.

“Eu sei que nenhum de vocês se preocupa com o facto de terem sido expulsos, nem o Tom”, disse ela. “Mas o que tem o Boyd a dizer sobre isso? Ele parece-me estar bastante decidido a levar os estudos dele até ao fim, e vocês os dois conseguiram tirá-lo das universidades da Virgínia, do Alabama, da Carolina do Sul e agora da Geórgia. Por este andar, nunca conseguirá formar-se.”

“Oh, sempre pode estudar Direito no escritório do juiz Parmalee, lá para os lados de Fayetteville”, respondeu Brent com um ar despreocu-

pado. “Além do mais, isso também já não importa muito. Em todo o caso, teríamos de voltar para casa antes do fim do período escolar.”

“Porquê?”

“Por causa da guerra, palerma! A guerra pode começar a qualquer momento, e tu certamente não achas que algum de nós irá ficar na universidade enquanto está a decorrer uma guerra, ou achas?”

“Vocês sabem muito bem que não vai haver guerra nenhuma”, disse Scarlett com um ar enfasiado. “É tudo conversa. Ora, ainda na semana passada o Ashley Wilkes e o pai dele disseram ao paizinho que os nossos delegados em Washington acabariam por... chegar a um... acordo amigável com o Sr. Lincoln a propósito da Confederação. E, seja como for, os ianques têm demasiado medo de nós para se dignarem a lutar connosco. Não vai haver guerra nenhuma, e eu já estou cansada de ouvir falar nesse assunto.”

“Não vai haver guerra nenhuma!”, gritaram em uníssonos os dois gémeos, muito indignados, como se alguém os tivesse defraudado.

“Ora, minha querida, mas claro que vai haver guerra”, disse Stuart. “Os ianques podem estar com medo de nós, mas depois da forma como o general Beauregard os bombardeou até os tirar do Forte de Sumter anteontem, não lhes resta mais nada senão lutar, caso contrário ficarão conhecidos aos olhos do mundo inteiro como autênticos cobardes. Ora, a Confederação...”

Scarlett fez um esgar de impaciência e aborrecimento.

“Se um de vocês os dois disser a palavra ‘guerra’ mais uma vez, eu volto para dentro de casa e fecho a porta. Nunca uma palavra me cansou tanto na vida como a palavra ‘guerra’, a não ser ‘secessão’. O paizinho passa manhã, tarde e noite e falar da guerra, e todos os cavalheiros que vêm visitá-lo não fazem outra coisa senão porem-se aos berros a falar do Forte de Sumter, dos Direitos do Estado e do Abe Lincoln, e eu fico de tal modo aborrecida que só me dá vontade de gritar! E os rapazes também não sabem falar de outra coisa, disso e da velha Tropa. Até agora, não houve uma só festa divertida nesta primavera, e tudo porque os rapazes não sabem falar de outra coisa. Fico muito contente que a Geórgia tenha esperado que o Natal passasse para entrar em secessão, caso contrário teríamos também ficado com as festas natalícias estragadas. Se voltam a dizer ‘guerra’ mais uma vez, eu volto para dentro de casa.”

Scarlett falava a sério, até porque lhe era difícil aguentar por muito tempo as conversas cujo assunto central não recaía sobre a sua pessoa.

Porém, sorriu ao dizer aquelas palavras, acentuando de forma consciente as covinhas do rosto ao mesmo tempo que mexia agora as suas pestanas negras e hirsutas com uma rapidez digna do bater de asas de uma borboleta. Os rapazes ficaram encantados, precisamente como fora a intenção dela, e logo se apressaram a pedir-lhe desculpa por tê-la feito sentir-se aborrecida. Não seria a falta de interesse que Scarlett mostrava pelo assunto que os fazia tê-la em menor consideração. Muito pelo contrário, consideravam-na ainda mais por causa disso. A guerra era um assunto de homens, não de senhoras, e ambos tomaram aquela atitude da parte dela como prova da sua feminilidade.

Tendo conseguido desviá-los do aborrecido assunto da guerra, Scarlett voltou a mostrar-se bastante interessada na situação mais imediata que dizia respeito aos dois gémeos.

“O que disse a vossa mãe sobre o facto de terem sido novamente expulsos?”

Os rapazes mostraram-se pouco à vontade com a pergunta, recordando-se da forma como a mãe se comportara com eles três meses antes, depois de terem abandonado a Universidade da Virgínia e regressado a casa por expresso pedido.

“Bom”, disse Stuart, “ela ainda não teve hipótese de dizer fosse o que fosse. Nós os dois e o Tom saímos de casa cedo esta manhã, antes de ela se ter levantado, e entretanto o Tom esquivou-se para ir ter com os Fontaine, ao passo que nós decidimos vir até cá.”

“E ela não vos disse nada quando chegaram a casa ontem à noite?”

“Ontem à noite tivemos sorte. Pouco antes de chegarmos, tinham acabado de trazer aquele garanhão novo que a mamã arranhou no Kentucky no mês passado, e a casa estava num pandemónio. A grande besta... É um cavalo imponente, Scarlett; tens de dizer ao teu papá para ir lá a casa vê-lo o quanto antes — no caminho para cá conseguiu dar uma valente dentada no moço de estrebaria que o levava, e entretanto atropelou dois pretinhos da mamã que foram esperar o comboio à estação de Jonesboro. E pouco antes de termos chegado a casa, a criatura já tinha deitado abaixo o estábulo, e foi por pouco que não matou o *Strawberry*, o velho garanhão da mamã. Quando chegámos a casa, a mamã já estava lá fora no estábulo, a tentar amansá-lo com um saco cheio de açúcar, e com muito jeito para a coisa, diga-se de passagem. Os pretinhos estavam todos pendurados nas vigas, com os olhos esbugalhados, não podiam estar mais assustados, mas a mamã conti-